

Produção doméstica para o varejo

Antonio Cunha

O sistema de produção doméstica, inaugurado na Idade Média, é a base do sucesso de ex-funcionários públicos, ex-trabalhadores da construção civil, ex-motoristas descrentes com a situação dos assalariados. Repetindo a história, os "mestres artesãos" de Brasília dedicam-se a abastecer um mercado pequeno, mas crescente. É o melhor exemplo desta economia primitiva, porém vital para a sobrevivência de muitos, talvez esteja na Ceilândia, em cujas ruas planejadas para serem exclusivamente residenciais, a atividade fabril e comercial desbancou há um bom tempo a determinação urbanística.

É muito difícil, se não impossível, andar em qualquer rua da cidade-satélite mais pobre de Brasília sem ver duas, três, cinco placas anunciando a venda — a varejo e atacado — desde pipas, picolés, velas, calçados, roupas, licores, faixas, toldos e mercadorias cuja produção envolve uma maior complexidade, como móveis e estruturas metálicas. Tudo made in Ceilândia. Muitas vezes os compradores vêm de longe, ou os próprios produtores/vendedores é que vão em busca da freguesia em feiras distantes. Mas o núcleo básico de produção e venda é a casa das pessoas.

"Bola de neve"

Uma porta aberta para a rua, em local diferente da entrada e saída doméstica, nem sempre é o único sinal da existência de uma fabriqueta/loja, porque elas podem se esconder da fiscalização no fundo do quintal. Mas, sem dúvida, é a melhor forma de alguém se estabelecer e chamar freguesia. Quando acontece de a "prefeitura" proibir a atividade assumida abertamente, o prejuízo é certo, como aconteceu à dona de casa Florinda Vieira Torres. Com a filha e "sócia" ela vendia tratamentos de beleza para as moças da Ceilândia, até que foi obrigada a esconder o "salão" no quintal da casa de uma outra filha, tendo o movimento de final de semana de cerca de 20 pessoas reduzido à metade.

Os salões de beleza, as lojas de conserto de aparelhos eletrônicos e as oficinas mecânicas às vezes concentram-se em determinada área, de tal modo que um cliente puxa outro e muitos clientes acabam favorecendo o surgimento de mais salões, lojas e oficinas. Na Via Leste da Guariroba, por exemplo, alinham-se no mínimo dez oficinas ao longo do trecho. Tim Master, mecânico em uma delas, tem certeza de que é melhor não ter salário fixo ou garantias previdenciárias quando consegue ganhar "muito mais" trabalhando por empreitada. Só vacila um pouco quando olha o filho pequeno sujo de gra-



Na confecção de fundo de quintal a família unida é quem produz

xa, que tem que levar para o trabalho pois não tem com quem deixar.

Fiscalização

O setor "pesado" de produção da Ceilândia, assim como o setor de prestação de serviços, é muito prejudicado quando tem que se esconder no fundo do quintal. Isso pode até determinar a falência do micro-empresário. O medo faz com que perguntas demais seja sentidas como uma ameaça e respondidas pela metade, como defesa. O maior vilão é o fiscal do Governo do Distrito Federal, que chega às casas onde funcionam as fabriquetas por denúncias várias, entre as quais as das "corporações de ofício" dos comerciantes legalizados. Quem não se estabeleceu de direito, no entanto, sempre acha uma forma de "dar uma rasteira" quando o que está em jogo é a própria sobrevivência.

Tipicamente familiar é a confecção da ex-funcionária pública Zélia Mariana Alves, em torno da qual giram quatro filhos solteiros, a filha casada e o genro. As quintas e sextas-feiras eles separam a roupa que o marido — ex-motorista — compra em fábricas de São Paulo para fazer os consertos necessários. Aos sábados e domingos a família vai para as feiras do Pedregal e Cidade Ocidental, onde alguns vendem e outros protegem a mercadoria da ação dos pivetes — uma versão aproximada dos pilhadores de antigamente.

Melando os dedos

Vizinhos de frente na QNM 21, duas fabriquetas não podem prescindir da mão-de-obra doméstica, mas somam a ela o esforço de colaboradores das redondezas. Helena Olga e o marido são donos da "Pipas Artesanais Menino do Rio", com placa e tudo. Três membros da

família e duas pessoas da vizinhança se dividem na produção de cerca de 800 pipas vendidas semanalmente a vários armazéns da própria Ceilândia, Taguatinga e Brasília. Almir, 21 anos, aprendeu com o patrão e cunhado a marcar e cortar as varetas, fazer a cruzada no gancho e passar a linha onde duas outras pessoas colam o papel das pipas. Cleonice Rita, vizinha de Olga, é uma das duas pessoas que passam o dia inteiro melando os dedos e achando muito boa a liberdade que o trabalho, ao contrário de sua antiga atividade como doméstica, lhe dá. A falta da carteira não é problema, pois o "Carrioca", que é o patrão, "é gente fácil de levar".

Trabalho e Monza

Na casa em frente, o ritmo é parecido: os cinco filhos do expedreiro José Joaquim Peixoto e alguns ajudantes chamados quando o volume de serviço justifica, produzem uma média de 20 peças de cimento por dia. Desquitado, Joaquim cuida dos filhos tanto quanto, pode-se dizer, os filhos cuidam dele. Os três mais velhos põem a "mão na massa" e pegam no pesado e, os dois menores — um menino e uma menina — são responsáveis pelas tarefas da casa. Toda a técnica de produção de artefatos de cimento, inclusive a fabricação das formas — foi cuidadosamente ensinada aos meninos por Joaquim, que se orgulha tanto do seu trabalho quanto de um Monza que ocupa um cômodo da casa em improvisada garagem. Feliz com os bens materiais que conquistou, se diz mais satisfeito ainda por ter os filhos o dia inteiro ocupados e sob sua orientação. Os três mais velhos — aos quais paga um salário mínimo — não querem outra profissão.